

A análise do setor calçadista brasileiro e os reflexos das importações chinesas no período de 1994 a 2004[#]

Versão 15.03.07

Luisiane Evelise Silvestrin*
Divanildo Triches**

Resumo

Este trabalho tem por objetivo analisar o desempenho do setor calçadista brasileiro, bem como identificar as principais características do complexo produção/geração de emprego. Além disso, avaliam-se os impactos da liberalização comercial no setor de calçados a partir da década de 90, em particular, as importações oriundas da China. A abertura comercial promovida pela economia brasileira, a partir início dos anos 90 desencadeou um processo de reestruturação produtiva no setor calçadista brasileiro. Houve deslocamento de empresas de grandes pólos como Franca e Vale dos Sinos, para a Região Nordeste, em busca de incentivos fiscais e menores custos com mão-de-obra, além de proximidade do principal país importado. Os resultados mostram que, apesar da retração do setor verificada na década de 90, a produção tem se recuperado em níveis superiores aos da pré-crise. Em torno de 70% das exportações de calçados brasileiros são destinadas para os Estados Unidos. Já a China vem ganhando participação no mercado norte-americano e constitui-se ainda o principal vendedor de calçados no mercado brasileiro cuja participação passou de cerca de 34%, em 1995, para 79% do total em 2004. Tal fato se deve à estrutura produtiva daquele país, composta grandes por empresas e unidades fabris voltadas para à fabricação em grande escala e abundância de mão-de-obra.

Palavras-chave: Setor calçadista, cadeia produtiva, pólos produtores de calçados, balança comercial do setor calçadista competitividade.

The analysis of the Brazilian footwear sector and the consequence from Chinese imports during the period from 1994 to 2004

Abstract

The study aims to investigate the performance the Brazilian footwear and also to identify the main determinants of production and employment in this sector. Furthermore it is done an evaluation of the impact from free trade set during the 90's, in particular from Chinese imports. The free trade has promoted a process of productive changes in the Brazilian footwear. There was a great migration of enterprises from the biggest Brazilian agglomeration as Franca and Vale do Sinos to Northeast. In that region the enterprises have received several kinds of government incentives. They have also had the benefits from the low due to labour productive factor. Besides the northeast states are nearer the main consumer countries of Brazilian footwear. The results pointed out that, in the spite of reduction footwear activities during the 90's, the production was in 2004 higher than those observed from the pre-crisis of the Brazilian footwear sector. About 70% Brazilian footwear export are due to the United State of America. The Chinese exports are substantially augmenting the north-American market share. This country is the main seller of footwear to Brazilian economy. The China's

[#] Este artigo é resultante do trabalho de monografia defendida em dez/2006, para a obtenção do Grau de Bacharel em Ciências Econômicas.

* Bacharel em Economia pela Universidade de Caxias do Sul. E-mail: luisiane_silvestrin@yahoo.com.br.

** Doutor em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor e Pesquisador no Instituto de Pesquisa Econômicas e Sociais da Universidade de Caxias do Sul (IPES/UCS) e no Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade do Vale dos Sinos, PPGE/UNISINOS. E-mails.: dtriches@ucs.br, e divanildot@unisinis.br

export in Brazilian market share was about 34% in 1995 and jumped to 79% 2004. This is explained by the comparative advantage in relate to Brazilian footwear.

Key words: footwear sector, productive chain, footwear productive pole investments trade balance, competitiveness.

JEL Classification: F20, F21, F23, G10.

1 Introdução

A indústria brasileira de calçados é formada por aproximadamente oito mil unidades produtivas, sendo que, em sua maioria, são empresas de pequeno porte. Como principais pólos produtores de calçados brasileiros, destacam-se o pólo do Vale dos Sinos e o pólo de Nova Serrana, e Franca localizados, respectivamente, no Rio Grande do Sul, em Minas Gerais e em São Paulo. Apenas em períodos mais recentes, outros estados a exemplo do Ceará, de Santa Catarina e do Paraíba, despontaram como centros produtores de maior relevância.

A abertura de mercado e a valorização da moeda nacional frente ao dólar norte-americano, entre 1994 e 1998, fizeram com que a economia brasileira passasse a receber produtos provenientes do Sudeste asiático. O aumento da concorrência externa e, sobretudo, do mercado interno, que adotou padrões internacionais, levou as empresas reduzirem os custos de produção e o aumento de sua participação no mercado externo.

Essa mudança na concorrência interna promoveu alterações na estrutura produtiva de calçados, estando especialmente pressionada a produção de bens de qualidade inferior, que competiam diretamente com os baixos preços dos produtos importados. Nesse processo de reestruturação, destacam-se como principais alterações na indústria, a rotatividade de propriedade das empresas e a realocização dos estabelecimentos na busca de menores custos da mão-de-obra, e apoio recebido por meio de políticas de desenvolvimento regional.

O objetivo deste artigo é analisar o desempenho do setor calçadista nacional, bem como identificar as principais características do complexo, produção/geração de emprego. Além disso, avaliam-se os impactos da liberalização comercial no setor de calçados, a partir da década de 90, em particular, as importações oriundas da China. Para tanto, o texto está organizado, além desta introdução, como segue. A seção dois descreve resumidamente o setor calçadista brasileiro, após abertura comercial, bem como seu desempenho. O item três analisa a balança comercial do setor

calçadista brasileiro e os reflexos das importações chinesas. Por fim, a seção quatro apresenta as considerações finais e as conclusões.

2 Análise do desempenho do segmento calçadista brasileiro

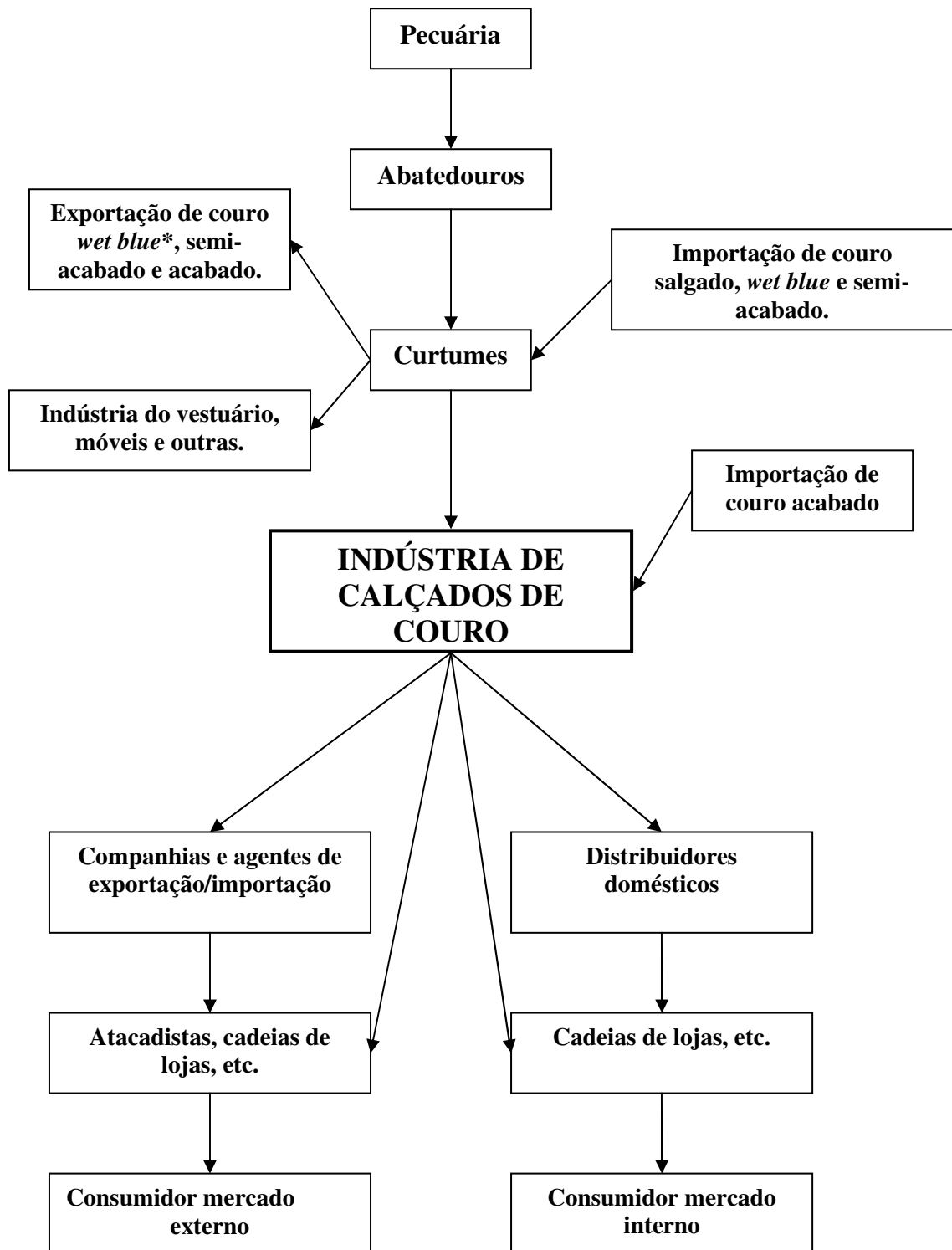
O processo de desenvolvimento da indústria calçadista brasileira teve início no século passado, quando a produção de calçados era desenvolvida em uma indústria local em pequena escala, com características artesanais. A partir de 1900, com a introdução de modernas máquinas para fabricação de sapatos, a atividade calçadista passou a se subdividir em profissões especializadas. No final do século XX, as fábricas maiores começam o processo de mecanização, reduzindo a individualidade artesanal, todavia; a indústria calçadista nacional ainda continuou a apresentar fortes características artesanais. Ruas (1989, p. 37) argumenta que “[...] a difusão do progresso tecnológico é muito desigual, fazendo coexistir em os mais diversos padrões tecnológicos, aspecto que, aliás, guardadas as proporções, ainda perdura nos dias de hoje [...]”.

A cadeia produtiva do calçado pode ser entendida como uma rede de inter-relações entre os vários componentes do sistema industrial, a qual permite a identificação do fluxo de bens e serviços por meio dos setores diretamente envolvidos – desde as fontes de matéria-prima até o consumidor final do produto.¹ Na indústria coureiro-calçadista, a cadeia produtiva inicia com a pecuária, passando pelos abatedouros, curtumes, pelas fábricas de calçados e pelos distribuidores, estendendo-se até o consumidor final do calçado.

A figura 1 apresenta a cadeia produtiva do calçado de couro. A cadeia abrange não somente atividades ligadas diretamente à confecção do calçado (desde a matéria-prima até o produto final), mas também aquelas referentes à produção de insumos, componentes e equipamentos necessários à elaboração do produto final. Os curtumes, a indústria têxtil, a indústria do plástico e de solados injetados, a indústria da borracha natural e da borracha sintética são os principais fornecedores.

¹ Uma abordagem mais detalhada sobre o setor calçadista pode ser encontrada em Costa (2002), Costa e Fligespan (1997), Coutinho e Ferraz (1995), Gorini e Siqueira (1998), Gorini et al. (2000), Noronha e Turchi (2002), Santos et al. (2002), Tosi (2002), entre outros.

Figura 1: Distribuição da cadeia produtiva de calçados de couro



Fonte: Fensterseifer (1995, p.25).

* Logo após o abate, o couro é vendido pelo frigorífico aos curtumes, salgado ou em sangue. No curtume, são removidas gorduras, e o couro sofre o primeiro banho de cromo. É a primeira fase, onde ele passa a exibir um tom azulado e seco. Daí o termo *wet blue*.

O grupo de componentes predominante para couro e calçados subdivide-se em unidades produtivas que produzem componentes para: i) cabedal do calçado como atacadores,

couraças, palmilhas solas e entresolas, cepas, tacões, biqueiras, etc.; ii) produtos químicos para couro e calçados como adesivos, solventes, ceras, pigmentos, alvejantes, etc.; iii) acessórios para máquinas e ferramentas para a fabricação de calçados como formas, matrizes, escovas, lixas, etc.; iv) material para embalagens e produtos diversos como caixas corrugadas e individuais, embalagem de tecido, etiquetas, velcro, elásticos, dentre outros materiais.

Os distribuidores do produto final e as atividades terciárias de apoio (tais como instituições de treinamento, ensino, pesquisa, etc.) também podem ser considerados parte da cadeia produtiva, dada sua crescente importância para o desenvolvimento e a competitividade da indústria calçadista. Cada uma dessas etapas tem diferentes processos produtivos, requerimentos tecnológicos, escalas e tipos de unidade produtiva, bem como diferentes padrões de relações de trabalho. Além disso, cada uma delas pode estar localizada em diferentes regiões ou países. A cadeia produtiva do calçado juntamente com as cadeias tecnologicamente ligadas e atividades terciárias de apoio compõem o complexo coureiro-calçadista, conforme aborda Feinterseifer (1991).

Por muitos anos, os calçados foram tradicionalmente confeccionados em couro. Com o desenvolvimento da indústria petroquímica e o surgimento de materiais sintéticos, outras opções surgiram, e os fabricantes de calçados começaram a utilizar matérias-primas alternativas. A cadeia produtiva apresentada ilustra a indústria de calçados de couro, incluindo a pecuária, abatedouros e curtumes, porém, o objetivo deste trabalho é focar o setor de calçados em geral, sem distinguir a matéria-prima utilizada em seu processo de produção.

Apesar da presença de empresas calçadistas em quase todos os estados brasileiros, a produção de calçados é caracterizada pela concentração em certas regiões, que se especializaram na fabricação de determinados produtos. A tabela 1 apresenta os principais pólos produtores de calçados do Brasil.

Tabela 1 – Principais pólos produtores de calçados brasileiros em 2003

Pólo	Estado	Municípios	Número de empresas	% do Brasil*	Número de empregados	% do Brasil*	Tipo de calçado	Exportação (milhões de pares)	% do Brasil*
Vale dos Sinos	RS	Novo Hamburgo, Campo Bom, Parobé, Igrejinha e Sapiranga.	3.433	43,3	129.300	47,5	Feminino	117	61,9
Nova Serrana	MG	Nova Serrana	824	10,4	23.000	8,5	Calçados esportivos	2	1
Franca	SP	Franca	500	6,3	22.600	8,3	Masculino	7,1	3,8
Biriguí	SP	Biriguí	166	2,1	18.000	6,6	Infantil	7	3,7
Sobral	CE	Sobral	2	0,02	8.450	3,1	Calçados em material sintético	36	19
Jaú	SP	Jaú	200	2,5	6.500	2,4	Feminino	0,8	0,5
Goíás	GO	Goianira	200	2,5	4.500	1,7	Diversos	0,3	0,2
Vale do Rio Tijuca	SC	Tijucas, Canelinha, Nova Trento e São João Batista.	300	3,8	6.000	2,2	Feminino/infantil	1	0,5
Outros	-	-	2.302	29	53.774	19,8	-	17,8	9,4
Total	-	-	7.927	100	272.124	100	-	189	100

Fonte: Abicalçados (2005).

Nota: * Percentual sobre o total do número de empresas, número de empregados e exportação brasileira de calçados.

O Vale dos Sinos, no Rio Grande do Sul, é o maior pólo produtor de calçados, responsável por aproximadamente 43% da produção nacional e 62% das exportações totais, totalizando 3.433 empresas, em 2003, com aproximadamente 129 mil empregos. Corrêa (2001, p.73) descreve que, nessa região, existe uma grande concentração de empresas que formam um dos maiores *clusters*² do mundo, especializado em calçados femininos.

O setor calçadista de Minas Gerais, segundo maior pólo, é composto por aproximadamente 824 empresas ou com 10,4% da produção nacional, direcionada quase toda para o mercado doméstico. Os destaques são as cidades de Belo Horizonte, especializada na produção de calçados femininos, e Nova Serrana, que produz especialmente tênis e chinelos em material sintético. Esse segmento gerou naquele estado mais de 20 mil empregos.

Em termos de produção estadual de calçados, São Paulo somente perde para o Rio Grande do Sul. Destacam-se a cidade de Franca com fabricação de calçados de couro para o público masculino e é responsável por cerca de 3,8% das exportações totais ou 7,1 milhões de pares. O pólo calçadista de Franca também possui a estrutura produtiva de *cluster*, isto é, além de fábricas de calçados, conta também com produtores de insumos, como solados, adesivos, curtumes, matrizarias, máquinas e equipamentos, agentes de mercado interno e externo e, sobretudo, com instituições que procuram desenvolver e difundir inovações tecnológicas e gerenciais. O pólo de Birigui, também no Estado de São Paulo, é conhecido como a capital nacional do calçado infantil, concentra cerca de 166 empresas que exportam aproximadamente 3,7% do total exportado. A cidade de Jaú é um importante pólo produtor de calçados femininos em couro, constituído por 200 empresas que exportam cerca de 0,5% das exportações totais. Em todo o estado paulista, o setor calçadista detém mais de 45 mil postos de trabalho.

O pólo calçadista do Nordeste, por sua vez, ganhou mais força a partir do início da década de 90 com a migração de grandes empresas calçadistas do Sul e do Sudeste para essa região. O perfil da produção é diversificado, não há especialização ou um segmento que se

² Segundo Corrêa (2001, p. 68), *clusters* são concentrações geográficas de empresas e instituições inter-relacionadas num setor específico. Os clusters englobam uma gama de empresas e outras entidades importantes para a competição, incluindo fornecedores de insumos, tais como componentes, maquinário, serviços e fornecedores de infra-estrutura especializada. Estendem-se na cadeia produtiva até os consumidores e lateralmente até as manufaturas de produtos complementares. Muitas vezes, incluem órgãos governamentais e outras instituições como universidades, escolas técnicas, agências de padronização, que promovem treinamento, educação, informação, pesquisa e suporte técnico.

destaque, a exemplo de Franca (SP), Birigui (SP) ou o Vale dos Sinos (RS), especializados em calçados masculinos, infantis e femininos, respectivamente. Essa característica pode ser explicada pela política traçada na região, priorizando o desenvolvimento e não a especialização. No Estado do Ceará, o pólo de Sobral é responsável por 19% das exportações brasileiras, onde se concentra poucas mas grade empresas produtora. Apesar da pequena produção, outros estados, como Paraíba, Bahia, Pernambuco, Sergipe e Rio Grande do Norte vêm aumentando sua participação no mercado.

Em Goiás, o setor é constituído por 200 empresas e a fabricação de calçados tende a ser bastante diversificada. Já em Santa Catarina, a indústria de calçados está concentrada na cidade de São João Batista e é especializada em calçados para o público feminino. As 300 empresas, no pólo do vale do Rio Tijuca, representam cerca de 0,5% do total de calçados exportados e com 2,2% do total de emprego gerado pelo setor.

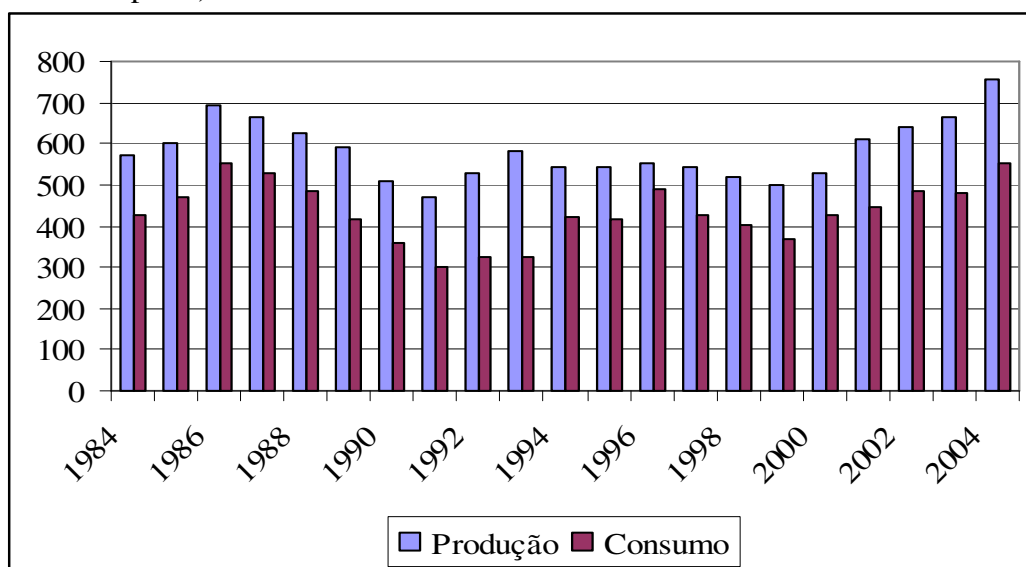
No início da década de 90, ocorreu um movimento de realocação regional da indústria calçadista. Os estados do Nordeste brasileiro desenvolveram, principalmente por meio de incentivos fiscais, iniciativas para o crescimento da indústria de calçados em seus municípios, com destaque para o Estado do Ceará. No fim dos anos 90, esse espaço econômico abrigava filiais de fábricas líderes de mercado e empresas fundadas por empresários locais.

Em geral, as empresas calçadistas das Regiões do Sul e Sudeste, além de buscarem incentivos fiscais, deslocaram-se para o Nordeste à procura de mão-de-obra mais barata e, em alguns casos, buscando adequar-se à produção direcionada para o mercado externo. Assim a pressão da concorrência obrigou as empresas brasileiras a buscarem modernização tecnológica, diversificação de mercados e ampliação do número de linhas e modelos fabricados. A preocupação constante dessas firmas era no sentido de aumentar a qualidade, reduzir desperdícios na produção e adotar práticas de gestão mais flexíveis e profissionais. Além disso, a Região Nordeste possui uma vantagem por sua localização privilegiada em relação aos principais importadores, como é caso dos Estados Unidos.

A produção e o consumo interno de calçados apresentaram uma trajetória bastante similar ao longo do período, que se estende de 1984 a 2004, como ilustra a figura 2. A produção se manteve acima de 600 milhões de pares entre os anos de 1986 a 1988. Esse

resultado está associado à estabilização econômica temporária, derivada do congelamento dos preços e, portanto, dos efeitos redistributivos do poder aquisitivo, com aumento da demanda doméstica provocada pelo Plano Cruzado. O início dos anos 90 foi marcado pelo processo de taxas de inflação elevadas e medidas de liberalização comercial da economia brasileira. Nesse contexto, o setor calçadista vivenciou seu pior período, com queda na produção de mais de 30% e no consumo a taxa superior a 40%. A recuperação gradual do segmento calçadista ocorre nos anos da implementação do Plano Real. No entanto, as crises externas desencadeadas originalmente nos países do leste asiático, o setor calçadista brasileiro retorna o ciclo de queda e somente se recupera partir de 1999. Dois anos após, a produção nacional retorna a superar a produção dos 600 milhões de pares de calçados.

Figura 2 Evolução da produção e consumo brasileiro de calçados, 1989-2004 (milhões de pares).



Fonte: IBGE (2005).

O setor calçadista nacional, até 2003, contemplava cerca de 7,9 mil empresas que produziram aproximadamente 665 milhões de pares ao ano, sendo que destes 481 milhões foram destinados ao consumo interno e 189 milhões às exportações. Com essas cifras verificadas até 2003, o País destacou-se como terceiro produtor mundial com 5% do total.³ A China aparece na primeira posição com 58,8% da produção total. A produção mundial, em 2004, atingiu a marca de 13.264,10 milhões de pares, sendo que cerca de três quartos desse

³ Encontram-se, no Anexo, a relação dos principais produtores, importadores, exportadores e consumidores de calçados em 2003.

montante foram produzidos por apenas cinco países, ou seja, China, Índia, Brasil, Indonésia e Vietnã.

A indústria brasileira de calçados, condicionada pela natureza do processo de trabalho – intensivo em mão-de-obra –, tem como característica básica de competitividade o custo desse fator produtivo. O fato de as indústrias enfrentarem dificuldades de automatizar certas etapas do processo produtivo, como o corte, a costura, montagens e acabamentos, gera a necessidade de um grande contingente de trabalhadores. Como consequência, a indústria calçadista tende a apresentar baixos níveis salariais, alto índice de rotatividade, simplificação do trabalho e a utilização de trabalhadores não qualificados. O crescimento do número de estabelecimentos na indústria calçadista no Brasil foi acompanhado por um movimento similar no número de empregos, conforme mostram as tabelas 2 e 3.

Tabela 2 – Número de empregos na indústria calçadista brasileira, por porte empresarial, no período de 1990 a 2003

Ano/Porte	Micro	Pequena	Média	Grande	Total
1990	14.246	26.519	109.230	76.639	226.634
1991	12.922	23.765	108.096	69.918	214.701
1992	13.342	24.563	115.597	82.901	236.403
1993	13.436	27.333	122.838	93.880	257.487
1994	9.606	28.672	116.980	85.327	240.585
1995	9.296	25.077	87.476	74.610	196.459
1996	8.760	25.781	89.581	78.646	202.768
1997	10.668	27.328	81.180	63.511	182.687
1998	10.467	26.546	78.554	69.158	184.725
1999	11.289	29.798	89.787	80.708	211.582
2000	12.271	35.147	100.386	92.588	240.392
2001	12.878	38.082	105.150	92.719	248.829
2002	13.749	38.498	106.700	103.590	262.537
2003	14.296	39.674	110.308	107.846	272.124

Fonte: Assintecal, (2006).

Observa-se que a maior parte da alocação do fator trabalho do setor calçadista, ao longo do período de 1990 a 2003, é gerada pelas médias e grandes empresas, como reporta a tabela 2. O número total de trabalhadores empregados manteve uma tendência crescente a uma taxa média geométrica de 1,41% ao ano. Entretanto, em alguns períodos o setor calçadista apresentou retração como em 1995, após a implementação do Plano Real e, em particular, no

biênio 1997 e 1998, com a crise dos países do Leste asiático e seus efeitos sobre as demais economias dos países de mercado emergente.

A análise das condições de emprego da mão-de-obra na indústria de calçados, feita por Fensterseifer (1995, p. 61), revela os seguintes aspectos: a) emprego de mão-de-obra intensiva: na medida em que às condições tecnológicas predominantes fazem do trabalho humano um fator tão importante quanto às máquinas e os equipamentos; b) baixos índices salariais: os trabalhadores do setor recebem uma remuneração média abaixo em relação à remuneração média da indústria; c) grande contingente de mão-de-obra com baixo nível de qualificação: as formas de divisão e organização do trabalho predominante nas empresas do setor concorrem para um processo de segmentação intensivo, através do qual um grande contingente de trabalhadores pouco ou nada qualificados executa a maior parte de um conjunto de operações extremamente simplificadas; d) índices de rotatividade em níveis relativamente elevados: a prática da rotatividade é um dos instrumentos empregados no setor para reduzir os níveis de salários reais.

Tabela 3 – Evolução do número de empresas por região, no período de 1990 a 2003

Ano	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste	Total
1990	11	340	4.625	2.486	203	7.665
1991	11	326	4.499	2.445	190	7.471
1992	17	348	4.772	2.668	294	8.099
1993	14	361	4.645	2.692	310	8.022
1994	8	196	3.239	2.156	132	5.731
1995	7	251	3.313	2.152	146	5.869
1996	10	266	3.009	2.008	135	5.428
1997	17	325	3.217	2.231	157	5.947
1998	15	361	3.206	2.321	133	6.036
1999	15	405	3.240	2.530	156	6.346
2000	12	433	3.321	2.918	176	6.860
2001	18	464	3.487	3.219	186	7.374
2002	21	458	3.647	3.281	196	7.603
2003	23	480	3.798	3.433	193	7.927

Fonte: Assintecal, (2006).

Quanto ao número de unidades produtivas do segmento de calçados, as Regiões Norte e Nordeste apresentaram um crescimento, no período entre 1994 e 1998, de 87,5% e 84,2%, respectivamente, como ilustra a tabela 3. Já entre os 1990 e 2003, essas regiões foram as que mais atraíram empresas, passando de 11 para 23 na Região Norte e de 340 para 480 na Região

Nordeste. Dentre as regiões brasileiras, a Sudeste foi a que mais registrou redução de número de unidades produtivas de calçados, ao longo do período de 1990 a 2003. A queda foi de 827 empresas em seguida aparece à Região Centro-Oeste com diminuição de 10 empresas. A Região Sul, por sua vez, após uma substancial contração verificada nos 1994 a 1996 a qual apresentou uma redução de quase 500 empresas, voltou a se recuperar, contabilizando um crescimento de aproximadamente 950 estabelecimentos em 2003 em relação a 1990. Isto representa um crescimento de cerca de 38% no período desses 13 anos.

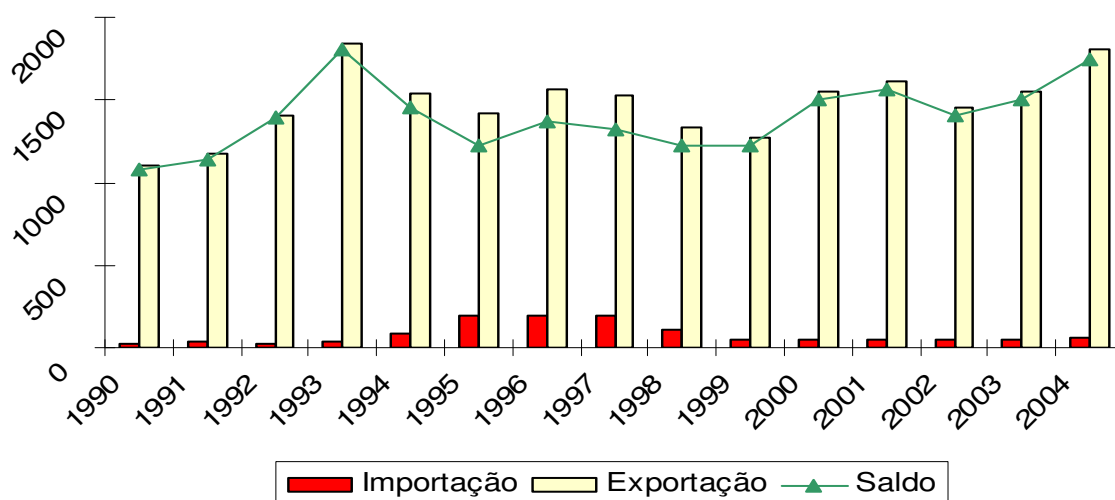
Em síntese, o processo de reestruturação baseou-se na estratégia de realocização da indústria calçadista para o Nordeste brasileiro. A migração foi motivada, em grande parte, pela procura de mão-de-obra mais barata e incentivos dos governos estaduais. Em alguns casos, houve também a necessidade de aproximar fisicamente a produção do mercado externo, pois a pressão da concorrência internacional obrigou o calçadista brasileiro, além de outras providências, a reduzir custos de produção e transporte e de incorporar novas tecnologias no processo produtivo.

3 Análise da balança comercial brasileira no setor calçadista

A balança comercial do setor de calçados, no período de 1990 a 2004, de modo geral, apresenta tendência oscilatória, mas bastante favorável, como mostra a figura 3. As importações de calçados mostraram um leve crescimento entre os anos 1995 e 1998 e com recuo das exportações. Esse fato fez com que o saldo da balança comercial se mantivesse em torno de US\$ 1.300 milhões, bem abaixo dos quase US\$ 1.800 milhões que já havia alcançado em 1993. Tal cifra é retomada, em 2004, com o aumento das exportações e o conseqüente declino das compras externas de calçados.

A base da vantagem comparativa das exportações brasileiras de calçados está na disponibilidade fatorial de mão-de-obra. O ingresso do setor no mercado externo, ainda no início da década de 70, ocorreu com maior incidência no segmento de calçado barato. Esse fato está associado ao deslocamento da produção de calçados mundial para regiões que apresentassem melhores condições produtivas. Para isso, o preço da força de trabalho tem sido apontado como uma das variáveis mais relevantes na determinação do desempenho da indústria de calçados.

Figura 3: Balança comercial brasileira do calçado, no período de 1990 e 2004 (milhões de dólares)



Fonte: Secex (2006).

O Brasil está entre os cinco maiores exportadores mundiais de calçados. Em 2004, as vendas brasileiras ao Exterior foram as mais elevadas em 14 anos analisados, como reporta a tabela 4. Elas somaram cerca de 212 milhões de pares, rendendo US\$ 1,8 bilhão em divisas internacionais. Apesar do saldo comercial observado na década de 90 ter sido positivo, as exportações brasileiras de calçados sofreram queda de 15,4% do valor exportado entre 1990 e 1999. Em 2000, verificou-se um incremento de 21% no valor exportado mediante o ano anterior. No período compreendido entre 1992 e 1994, as exportações brasileiras de calçados aumentaram significativamente, atingindo seu pico (dentro do período) em 1993 com US\$ 1,8 bilhão.

A abertura de mercado e a valorização do real, entre 1994 e 1998, ocasionaram a redução no padrão de concorrência da indústria de calçados doméstica, frente ao mercado internacional. Assim, o mercado interno recebeu produtos provenientes do Sudeste asiático. As empresas pertencentes ao setor calçadista sofreram um estreitamento de seus espaços de atuação, explicado principalmente por três fatos: a) elevação da qualidade de calçados chineses; b) redução dos custos de produção da Itália; c) elevação do preço médio de calçado brasileiro superando US\$ 10,00.

No que tange ao destino dos calçados brasileiros, grande parte das exportações têm sido direcionada para o mercado norte-americano. Esse mercado tem se caracterizado como um

dos importadores tradicionais mais importantes de calçados produzidos no país, conforme demonstra a tabela 5. No período de 1998 a 2002, aquele mercado participava com aproximadamente 70% do total das vendas externas brasileira; depois reduziu essa participação para 56% em 2004. Nesse ano, o Reino Unido Argentina e o Canadá completam a lista dos principais compradores de calçados brasileiros.

Tabela 4 – Evolução das exportações brasileiras de calçados no período 1990-2004

Ano	Valor		Pares (milhões)	Preço Médio (US\$)
	(US\$ Milhões)	%*		
1990	1.107	-	143	7,74
1991	1.177	6,0	133	8,85
1992	1409	20,0	158	8,91
1993	1.846	31,0	201	9,16
1994	1.537	-17,0	171	8,97
1995	1.414	-8,0	138	10,25
1996	1.567	11,0	143	10,98
1997	1.523	-3,0	142	10,69
1998	1.330	-13,0	131	10,16
1999	1.278	-4,0	137	9,33
2000	1.547	21,0	163	9,52
2001	1.615	4,0	171	9,44
2002	1.449	-10,0	164	8,83
2003	1.549	7,0	189	8,21
2004	1.809	17,0	212	8,53

Fonte: Abicalçados (2006).

*Pontos percentuais em relação ao ano anterior

A perda de competitividade do setor calçadista brasileiro para o mercado norte-americano se deu em virtude do aumento da qualidade do calçado chinês e do declínio da participação dos calçados de couro no mercado norte-americano, com incremento dos calçados esportivos e sintéticos. Assim entre 1995 e 2002, as importações norte-americanas de calçados aumentaram em US\$ 4.639 milhões, ou seja, de US\$ 17.542 milhões para US\$ 22.181 milhões como ilustra a tabela 6. O aumento foi praticamente igual ao crescimento de US\$ 4.625 milhões nas exportações chinesas para aquele mercado, no período. Tal desempenho fez com que a China passasse a aumentar sua participação de 45% para 63% do total das importações norte-americanas do segmento. As exportações brasileiras de calçados para os Estados Unidos, por outro lado, mantiveram-se em torno de US\$ 1,2 bilhão durante o período. Entretanto, a proporção do total vendido para aquele país cai de 7,1% para 5% de 1995 para 2002.

Tabela 5 – Destino das exportações brasileiras de calçados ao longo do período de 1998-2004 (em US\$ milhões)

País	1998		2000		2002		2004	
	Valores	%	Valores	%	Valores	%	Valores	%
Estados Unidos	914,8	68,8	1.078,8	69,7	1.022,9	70,6	1.024,7	56,6
Reino Unido	103,8	7,8	100,7	6,5	100,7	7,0	136,1	7,5
Argentina	74,4	5,6	123,4	8,0	15,7	1,1	104,6	5,8
Canadá	29,3	2,2	33,5	2,2	37,1	2,6	50,3	2,8
Demais países	208,2	15,6	210,3	13,6	272,5	18,7	493,7	27,3
Total	1.330,5	100	1.546,7	100	1.448,9	100	1.809,4	100

Fonte: Abicalçados (2006).

A presença da China no mercado norte-americano de calçados, contudo, não seria um entrave tão importante ao desempenho das exportações brasileiras caso os tipos de calçados vendidos pelos dois países fossem distintos. De fato, o Brasil exporta basicamente calçado com parte superior de couro, enquanto a China tem uma pauta de exportações mais diversificada, com uma forte presença de calçados com sola exterior e parte superior de borracha.

Tabela 6 – Evolução da participação do Brasil e da China no mercado norte-americano de calçados 1995/2002 (em US\$ milhões)

Setor	Total importado pelos EUA		Importado do Brasil		%*		Importado da China		%*	
	1995	2002	1995	2002	1995	2002	1995	2002	1995	2002
Calçados de couro	7.826	10.632	1.122	1.060	14,3	10,0	3.142	6.394	40,0	60,0
Demais	9.716	11.549	121	168	1,2	1,5	4.768	7.590	49,0	66,0
Total	17.542	22.181	1.243	1.228	7,1	5,5	7.910	13.984	45,0	63,0

Fonte: Secex (2006).

* Participação sobre o total importado pelos EUA.

Contudo, os dados mostram que o crescimento das exportações chinesas tem sido maior justamente no segmento de calçados com parte superior de couro. Entre 1995 e 2002, as vendas chinesas do produto para os Estados Unidos aumentaram 103,5% com sua participação nas importações desse país aumentando de 40,1% para 60,1%, enquanto a participação brasileira caiu de 14,3% para 10%. Em 2004, o calçado do tipo couro representou

58% das exportações brasileiras. O Brasil é reconhecido como o exportador de calçados de couro para passeio, preponderantemente para o segmento feminino, embora ocorram embarques de outros tipos, em menor volume.

Tabela 7 – Evolução das importações brasileiras de calçados no período 1990-2004

Ano	Valor		Pares (milhões)	Preço médio (US\$)
	(US\$ Milhões)	%		
1990	26	-	Nd*	Nd
1991	40	54	Nd	Nd
1992	19	-52	Nd	Nd
1993	41	115	Nd	Nd
1994	88	114	Nd	Nd
1995	195	121	Nd	Nd
1996	200	2,5	Nd	Nd
1997	196	-2	Nd	Nd
1998	110	-43	16	6,84
1999	50	-54	7	7,12
2000	44	-12	6	7,71
2001	51	16	6	8,22
2002	45	-11	5	8,84
2003	48	6	5	9,06
2004	65	35	9	7,34

Fonte: Abicalçados (2006).

*Nd: dado não disponível.

As importações brasileiras de calçados apresentaram um aumento substancial entre 1992 e 1995, passando de US\$ 19 milhões para US\$ 195 milhões, e mantendo-se em aproximadamente US\$ 200 milhões em 1996 e 1997, ou seja, na primeira metade dos anos 90 as compras brasileiras de calçados no mercado internacional foram multiplicadas por aproximadamente oito vezes. Claramente, esse resultado deve ser atribuído às medidas de redução das proteções ao comércio externo adotadas pela economia brasileira, pela estabilização macroeconômica promovida pela implementação do plano real e pela conseqüente valorização da moeda doméstica. Já ao longo da crise internacional e nos primeiros anos do século XXI, o valor importado de calçados teve uma redução vertiginosa, cerca de quatro vezes em relação ao pico registrado em 1996. Por fim, os preços médios da unidade de calçados importados pelo Brasil, ainda conforme a tabela 7, têm se situado na faixa entre US\$ 7,00 e US\$ 9,00, bem próximos dos praticados pelos exportadores brasileiros.

A origem das importações brasileiras de calçados por país entre 1995 e 2004 encontra-se na tabela 8. Destacadamente a China é o principal fornecedor de calçados para o Brasil, cuja participação, nesse período veio crescendo de 34,6 % para 70,2% do total das importações, mas com redução de 32% do montante vendido. Outros países asiáticos, como a Indonésia, o Vietnã, a Tailândia e Hong Kong, juntamente com a China, perfaziam mais de 85% do total de calçados comprado pelo País do Exterior no ano de 2004.

O declínio da participação dos países asiáticos no total das importações nacionais de calçados ocorreu não somente em virtude da queda das importações da China, mas principalmente em função do aumento das importações da Argentina – incremento de 10 pontos percentuais de participação no período 1995/1998, atingindo 31,4% das importações nacionais. A grande parte das importações brasileiras provenientes da Argentina nos últimos anos foi de calçados masculinos de couro de alta qualidade e, principalmente, de calçados esportivos.

Tabela 8 – Origem das importações brasileiras de calçados no período 1995/2004, em milhões de dólares

País	1995		1998		2001		2004		%*
	US\$	%	US\$	%	US\$	%	US\$	%	
China	67,5	34,6	38,7	35,2	17,5	34,6	45,8	70,2	-32,0
Indonésia	30,4	15,5	13,5	12,3	5,3	10,5	4,4	6,8	-85,5
Vietnã	1,9	1,0	5,8	5,3	3,9	7,8	4,8	7,4	152,6
Tailândia	8,9	4,5	5,3	4,8	4,8	9,4	0,8	1,2	-91,0
Hong Kong	9,2	4,7	2,9	2,6	4,2	8,4	0,7	1,1	-75,8
Itália	5,4	2,7	2,1	1,9	7,0	13,8	2,7	4,1	-50,0
Espanha	-	-	1,2	1,2	1,0	2,0	0,2	0,3	-83,3
Estados Unidos	6,9	3,5	0,8	0,7	0,9	1,9	0,5	0,8	-37,5
Taiwan	-	-	1,5	1,4	1,2	2,5	0,4	0,7	-73,3
Argentina	41,7	21,4	34,5	31,4	0,4	0,9	0,3	0,4	-99,2
Outros	23,1	11,8	3,6	3,3	4,5	8,2	4,6	7,0	-91,7
Total	195	100,0	110,1	100	50,7	100	65,2	100	-69,1

Fonte: Abicalçados (2006).

*Taxa de crescimento calculada no período 1996/2004, exceto na Espanha e em Taiwan, em que o período corresponde a 1998/2004.

Assim, entre 1995 e meados de 1998, o Brasil importou da Argentina tênis de marca internacional, cuja proprietária tinha dado concessão a uma empresa daquele país, para produção e distribuição da sua marca em toda a América do Sul. No entanto, a partir do segundo semestre de 1998, essa concessão foi retirada da empresa argentina e dada a uma

empresa brasileira, o que se refletiu imediatamente no volume importado do Brasil, como se pode constatar nos dados da tabela 8.

De forma mais específica, a inserção das importações de calçados chinesas no mercado brasileiro e mundial está associada à estrutura produtiva daquele país. A indústria de calçados chinesa é composta por aproximadamente 18.000 fábricas que empregam cerca de 1,36 milhão de trabalhadores. O setor caracteriza-se pela existência de grandes empresas e unidades fabris voltadas para a fabricação em grande escala, sobretudo de calçados esportivos destinados às grandes multinacionais e pela abundância de mão-de-obra de baixo custo. O setor de couro e calçados, em 2002, encontrava-se em 8º lugar na pauta de exportações chinesas.⁴

As informações constantes da tabela 9 demonstram que as importações de calçados chineses para o Brasil cresceram 4.164% no período de 1992 a 2003, ou seja, uma taxa média anual em torno de 40%. Entre 1995 e 1998, observa-se que o volume de importações desse produto foi mais elevado em relação aos demais anos. Além disso, a participação relativa ao total das aquisições brasileiras de produtos chineses ficou na faixa de 6% a 8%, enquanto esse intervalo vinha se mantendo num patamar mais baixo, ou seja, entre 1% a 3%. Isso é observado, por exemplo, no período após 2001.

Tabela 9 – Importações brasileiras provenientes da China, no período 1992-2003, (milhões de dólares)

Setores	1992	1993	1995	1997	1998	1999,0	2001	2002	2003	%*
Calçados	1,4	10,4	89,30	85,7	66,9	34,0	38,7	51,6	58,3	4.164
Outros	115,4	294,5	952,4	1.080,9	966,8	831,0	1.289,4	1.502,5	2.089,3	1.810
Total	116,8	304,9	1.041,7	1.166,6	1.033,7	865,0	1.328,1	1.554,1	2.147,6	1.838

Fonte: Secex (2006).

Por último, a análise do setor calçadista mostra que o Brasil tem sido relativamente afetado pela concorrência com produtos chineses, vendidos a preços ligeiramente inferiores aos brasileiros. Esse diferencial de preço, no entanto, não tem sido relevante a ponto de indicar que o consumidor norte-americano percebe o calçado brasileiro como tendo uma

⁴ Uma descrição sobre a economia chinesa pode ser encontrada em Pomar (2002), Naisbitt (1997), Sukup (2002).

qualidade significativamente superior ao produto chinês. Assim, os resultados tendem a apontar a necessidade de um maior esforço de diferenciação do produto nacional, possivelmente por meio da promoção das marcas brasileiras no Exterior.

4 Conclusões e considerações finais

O segmento calçadista brasileiro construiu uma capacidade produtiva bastante complexa, configurada sob a forma de aglomerados regionais. A atividade de produção de calçados está presente em vários estados; porém, é nas regiões do Vale dos Sinos, no Rio Grande do Sul; de Nova Serrana, em Minas Gerais, e em Franca, em São Paulo, que se concentram cerca de 65% do número de empregos e 60% do total das unidades produtivas. Em tais pólos, é possível encontrar qualquer insumo e serviço necessário à fabricação do calçado de couro. Além disso, o Brasil é um dos poucos países que possui simultaneamente uma indústria de calçados e uma indústria de couros, ambas atendendo aos mercados doméstico e externo.

As indústrias produtoras de calçados e artigos de couro, localizadas, sobretudo, na região do Vale dos Sinos e em Franca não estavam adequadamente preparadas para a abertura comercial e forte valorização do real que ocorreram durante a primeira metade da década de 90. Tais indústrias não tinham condições de concorrer com os baixos preços dos calçados importados. Esses pólos calçadistas enfrentaram um período de recessão, com o fechamento de grandes indústrias e o deslocamento de unidades fabris para os estados do Nordeste. No entanto, esse processo tem demonstrado efeitos positivos em termos de números de unidades instaladas e de geração de novos postos de trabalho, bem como a aumento de maior participação nas exportações. A região nordestina possui ainda vantagem no que se refere a sua localização privilegiada em relação aos Estados Unidos, principal importador de calçados brasileiros.

Os resultados mostram que, apesar da retração verificada no setor calçadista brasileiro ao longo dos anos 90, os níveis de produção se recuperaram em 2003 e 2004. A indústria contemplava cerca de 7,9 mil unidades produtivas, que produziram aproximadamente 700 milhões de pares ao ano. Desse total, em torno de 70% são destinados ao consumo interno e restante para as exportações. Essas cifras fazem do Brasil o terceiro produtor mundial com 5% do total.

O Brasil exporta calçados para dezenas de países localizados nas mais distintas partes do planeta. Entretanto, a grande concentração das vendas, ou seja, cerca de 70% é dirigida aos Estados Unidos. A perda relativa de participação brasileira no mercado internacional desde o final da década de 90 deve-se, entre outros fatores, à dificuldade de expandir as vendas de calçados para aquele mercado. Isso significa que as exportações de calçados brasileiros não conseguem acompanhar o ritmo de crescimento dos produtos chineses nos EUA.

No que tange a importações brasileiras de calçados, os resultados revelam um aumento substancial das compras externas na primeira metade dos anos 90, as quais foram multiplicadas por aproximadamente oito vezes. A China aparece como o principal país fornecedor, cuja participação passou de cerca de 34% para 79% do total do calçados ingressados no País.

Por fim, a inserção das importações de calçados chinesas no mercado brasileiro e mundial está associada à estrutura produtiva daquele país. A indústria de calçados chinesa é caracterizada por grandes empresas e unidades fabris voltadas para a fabricação em grande escala, sobretudo de calçados esportivos destinados às grandes multinacionais e pela abundância de mão-de-obra de baixo custo.

Referências

ABICALÇADOS. Associação Brasileira das Indústrias de Calçados. Disponível em: <<http://www.abicalcados.org.br>>. Acesso em: 31/maio/ 2006.

ABICALÇADOS. A Indústria Calçadista na Bahia. Disponível em: <<http://www.bahia.ba.gov.br/seplantec/livro2%5c05cap01.pdf>>. Acesso em: 15/março/2006. p. 13-26.

ASSISTENCAL. Associação Brasileira das Indústrias de Componentes para Couro, Calçados e Artefatos. Disponível em: <<http://www.assintencal.org.br>>. Acesso em: 12/maio/2006.

CORRÊA, Abidak R. **O complexo coureiro-calçadista brasileiro**. Rio de Janeiro: BNDES Setorial, 2001. p. 67-91.

COSTA, Achyles B. da **Estudo da competitividade da indústria brasileira**. Campinas: Ministério da Ciência e Tecnologia, 1993. 108 p.

COSTA, Achyles B. da **Estudo da competitividade de cadeias integradas no Brasil: impactos das zonas de livre comércio**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2002. 74 p.

COSTA, Achyles B. da; FLIGESNPAN, Flávio B. **Avaliação do movimento de realocação industrial de empresas de calçados do Vale dos Sinos**. Porto Alegre: Sebrae, 1997. 137 p.

COUTINHO, Luciano; FERRAZ, João Carlos. **Estudo da competitividade da indústria brasileira**. 3. ed. São Paulo: Papirus, 1995. 510 p.

FENSTERSEIFER, Jaime E. **O complexo calçadista em perspectiva: tecnologia e competitividade**. Porto Alegre: Ortiz, 1995. 391 p.

GORINI, Ana P. F.; SIQUEIRA, Sandra H. G. de. **Complexo coureiro calçadista nacional: uma avaliação do programa de apoio do BNDES**. Área de Operações Industriais 1 – AO1, Estudos Setoriais. Rio de Janeiro. 1998. 40 p.

GORINI, Ana P. F.; CORRÊA, Abidak R.; SILVA, Cláudio V. Di Gioia Ferreira. **A indústria calçadista de Franca**. Área de Operações Industriais 1 – AO1, Estudos Setoriais. BNDES, Rio de Janeiro, Dez. 2000 20p. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/conhecimento/relato/rs_7_ao1.pdf>. Acesso em: 14/maio/2006.

NAISBITT, John. **Megatendências, Ásia: oito megatendências asiáticas que estão transformando o mundo**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. 264 p.

NORONHA, Eduardo G.; TURCHI, Lenita M. **Cooperação e conflito: estudo de caso do complexo coureiro-calçadista no Brasil**. Brasília: IPEA, 2002. 44 p.

POMAR, Wladimir. **China: o dragão do século XXI**. São Paulo: Ática, 2002. 64 p.

RUAS, Roberto L. **Efeitos da modernização sobre o processo de trabalho: condições objetivas de controle na indústria de calçados**. 3. ed. Porto Alegre: Editora da FEE, 1989. 160 p.

SANTOS, Ângela M. M; CÔRREA, Abidak R; ALEXIM, Flávia M. B; PEIXOTO, Gabriel B. T. **Descolamentos das empresas para os estados do Ceará e da Bahia: o caso da**

SECEX. Secretaria de Comércio Exterior. Disponível em: <<http://www.desenvolvimento.gov.br>. Acesso em: 02/abril /2006.

SUKUP, Victor. A China frente à globalização: desafios e oportunidades. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v.45, n. 02. Brasília, 2002.

TOSI, Pedro G. **Capitais no interior: Franca e a história da indústria coureiro-calçadista (1860-1945)**. 1. ed. Franca: UNESP-FHDSS, 2002. 365 p.

ANEXO

Mercado mundial de calçados, 2003

PRODUÇÃO			IMPORTAÇÃO			EXPORTAÇÃO			CONSUMO		
País	Milhões pares	%	País	Milhões pares	%	País	Milhões Pares	%	País	Milhões Pares	%
China	7.800	58,8	EUA	1.968,1	24,6	China	5.026	60,6	China	2.782,4	21,4
Índia	780	5,9	Hong Kong	773,6	9,7	Hong Kong	743,3	9,0	EUA	1.977,1	15,2
Brasil	665	5,0	Japão	494	6,2	Vietnã	393	4,7	Índia	714	5,5
Indonésia	511	3,9	Alemanha	382,8	4,8	Itália	297,6	3,6	Japão	600	4,6
Vietnã	416,6	3,1	Reino Unido	338	4,2	Brasil	189	2,3	Brasil	481	3,7
Itália	303,4	2,3	França	309,8	3,9	Indonésia	181	2,2	Indonésia	360	2,8
Tailândia	268	2,0	Itália	268,7	3,4	Tailândia	138	1,7	Alemanha	333,4	2,6
Paquistão	250	1,9	Holanda	152,8	1,9	Espanha	126,8	1,5	Reino Unido	332	2,6
Turquia	218	1,6	Rússia	145	1,8	Holanda	81,1	1,0	França	322,7	2,5
México	192	1,4	Espanha	131,2	1,6	Portugal	79,6	1,0	Itália	274,5	2,1
Espanha	171	1,3	Canadá	121,5	1,5	Alemanha	77,6	0,9	Paquistão	236	1,8
Filipinas	135	1,0	Bélgica	120,7	1,5	Bélgica	77	0,9	Rússia	187,7	1,4
Coréia do Sul	134,5	1,0	Polônia	95,5	1,2	Turquia	74,7	0,9	México	185	1,4
Japão	107,8	0,8	Arábia Saudita	85	1,1	Índia	70	0,8	Coréia do Sul	183,6	1,4
Portugal	91,8	0,7	África do Sul	80	1,0	Romênia	60	0,7	Filipinas	180	1,4
Malásia	75	0,6	Austrália	70	0,9	França	48	0,6	Espanha	175,4	1,4
Romênia	75	0,6	Coréia do Sul	68,3	0,9	México	35	0,4	Turquia	167,2	1,3
Argentina	72	0,5	Romênia	60	0,7	Áustria	31,5	0,4	Tailândia	144,7	1,1
Egito	68	0,5	Hungria	59	0,7	Malásia	31	0,4	Canadá	125,4	1,0
França	60,9	0,5	Áustria	56,5	0,7	EUA	30,8	0,4	Polônia	117,9	0,9
Colômbia	60	0,5	Taiwan	54,9	0,7	Reino Unido	30	0,4	Egito	101	0,8
Polônia	49,6	0,4	Filipinas	52	0,6	Marrocos	29	0,3	África do Sul	100,2	0,8
Rússia	44,7	0,3	Egito	48	0,6	Polônia	27,2	0,3	Colômbia	92,7	0,7
Tunísia	39,8	0,3	Cingapura	46	0,6	Taiwan	23,9	0,3	Irã	92	0,7
Peru	32	0,2	Rep. Theca	44,2	0,6	Eslováquia	20,8	0,3	Arábia Saudita	91,3	0,7
Outros	643,1	4,8	Outros	1.982,2	24,8	Outros	375,7	4,5	Outros	2.617	20,2
Total	13.264,1	100	Total	8.007,8	100,0	Total	8.297,7	100	Total	12.974,2	100

Fonte: Abicalçados (2006).

Universidade de Caxias do Sul

Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais

- 001 – nov/2003 –** Uma análise da economia política e das atitudes dos grupos de interesse no Mercosul
Divanildo Triches – IPES/UCS
- 002 - dez/2003 –** Análise dos impactos da Universidade de Caxias do Sul sobre as economias local e regional, decorrentes dos gastos acadêmicos dos estudantes: 1990 a 2002
Divanildo Triches, Geraldo Fedrizzi, Wilson Luís Caldart – IPES/UCS
- 003 - jan/2004 –** Agropolo da Serra gaúcha: uma alternativa de desenvolvimento regional a partir da inovação e difusão tecnológica
Divanildo Triches – IPES/UCS
- 004 - fev/2004 –** A análise dos regimes de taxa de câmbio para o Mercosul, baseada no bem-estar
Divanildo Triches – IPES/UCS
- 005 - mar/2004 –** Análise e identificação da cadeia produtiva da uva e do vinho da Região da Serra gaúcha
Divanildo Triches, Renildes Fortunato Siman, Wilson Luís Caldart –IPES/UCS
- 006 – abr/2004 –** Competitividade sistêmica das micro, pequenas e médias empresas da cadeia produtiva de autopeças da Região Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul e desenvolvimento regional
Renato Pedro Mugnol – DEAD/UCS
- 007 – maio/2004 –** Análise comparativa dos indicadores que medem a inflação na economia brasileira
Divanildo Triches, Aline Vanessa da Rosa Furlaneto – DECE/IPES/UCS
- 008 – jun/2004 –** Apontamentos para o estudo da pecuária familiar na metade sul do Rio Grande do Sul
Adelar Fochezatto, Divanildo Triches, Ronaldo Herrlein Jr., Valter José Stülp – FACE/PUCRS
- 009 – jul/2004 –** A ciência econômica diante da problemática ambiental
Jefferson Marçal da Rocha – DECE/UCS
- 010 – ago/2004 –** Déficit público e taxa de inflação: testes de raiz unitária e causalidade para o Brasil – 1991-1999
Divanildo Triches – IPES/UCS – Igor Alexandre C. de Moraes – FIERGS
- 011 – set/2004 –** A cadeia produtiva da carne de frango da região da Serra gaúcha: uma análise da estrutura de produção e mercado
Divanildo Triches, Wilson Luís Caldart, Renildes Fortunato Siman, Jaqueson K. Galimberti e Aline V. R. Furlaneto – IPES/UCS
- 012 – nov/2004 –** Análise da cultura do kiwi e seu papel para o desenvolvimento da região de Farroupilha RS – 1980/2000
Divanildo Triches IPES/UCS, Marcos Sebben – DECE/UCS
- 013 – jan/2005 –** Investimentos em capital humano no Brasil: um estudo sobre retornos financeiros privados de cursos de graduação relativos ao ano de 1995
Paulo Tiago Cardoso Campos – DECC/UCS, Eduardo Pontual Ribeiro, Stefano Flossi – PPGE/UFRGS

- 014 – mar/2005 –** As teorias da estrutura a termo das taxas de juros da economia brasileira: uma análise da causalidade de setembro 1999 a setembro 2004
Divanildo Triches, Wilson Luís Caldart – IPES/UCS
- 015 – abr/2005 –** Análise econométrica da eficiência técnica de produção do setor metal-mecânico da indústria de Caxias do Sul
Miguel Antônio da Câmara Canto – DECE/UCS
- 016 – maio/2005 –** A análise da condução da política monetária após a implementação do Plano Real: 1994 a 2000
Divanildo Triches – IPES/UCS, Márcio Luiz Simonetto – DECE/UCS
- 017 – jun/2005 –** A evolução do sistema de pagamentos brasileiro: uma abordagem comparada com os países selecionados no período de 1995 a 2003
Divanildo Triches – IPES/UCS, Adriana Bertoldi – DECE/UCS
- 018 – fev/2006 –** A economia política e os fluxos de capitais brasileiros pós-Plano Real
Divanildo Triches – IPES/UCS/UNISINOS
- 019 – mar/2006 –** A cadeia produtiva de carne suína no Estado do Rio Grande do Sul e na Serra gaúcha
Divanildo Triches – IPES/UCS/PPGE-UNISINOS, Renildes Fortunato Siman – PPDR/UFRGS, Alexandre Bandeira Monteiro e Silva – PPGE/UNISINOS, Valter José Stülp – PPGE/PUCRS
- 020 – abr/2006 –** Seleção e composição de uma carteira de ações com base na técnica grafista
Divanildo Triches – IPES/UCS/PPGE/UNISINOS, Celso Evandro dos Reis – DECE/UCS
- 021 – maio/2006 –** Modelo de previsão de arrecadação do ISSQN para o Município de Caxias do Sul
Wilson Luis Caldart – IPES/UCS
- 022 – jun/2006 –** A análise da convergência e das inter-relações dos indicadores macroeconômicos dos países integrantes do Mercosul
Divanildo Triches – IPES/UCS/PPGE/UNISINOS, Alexandre Bandeira Monteiro e Silva – PPGE/UNISINOS, Roberto Camps de Moraes – IPES/UCS/PPGE/UNISINOS, Soraia Santos da Silva DECE/UCS
- 023 – Ago/2006 –** A análise dos investimentos estrangeiros diretos na economia brasileira no período de 1994 a 2002
Mariane Sperb de Oliveira Raguse – DECE/UCS, Divanildo Triches – IPES/UCS/PPGEUNISINOS
- 024 – Mar/2007 –** Arrecadação do ISSQN no Município de Caxias do Sul e a curva de Laffer: evidências empíricas
Wilson Luis Caldart – IPES/UCS
- 025 – Abr/2007 –** A análise do setor calçadista brasileiro e os reflexos das importações chinesas no período de 1994 a 2004
Divanildo Triches – IPES/UCS/PPGE/UNISINOS, Luisiane Evelise Silvestrin – DECE/UCS